

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de *A Velha Guarda*

Editor,

Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE

GLÓRIA AO POVO DE LISBOA

Admirável povo de Lisboa! Grande, generoso, magnífico povo, em cujo coração a República vive sempre, immaculada, gloriosa, heroica, fonte de todo o progresso e de todas as virtudes cívicas!

Não pude, infelizmente, assistir, este ano, à marcha comemorativa do início da revolução de Outubro, — até ao alto sagrado da Rotunda, onde o novo regime cimentou, para todo o sempre, o seu triunfo eterno.

Mas, pela calada da noite — dessa noite unvida de glória e recamada de estrelas — chegava até mim, até ao meu coração de republicano, sempre alerta, o rumor triunfal dessas aclamações, desses vivas, dessas palmas que se diluam na atmosfera como um côro distante de vitória.

Aos meus ouvidos ressoava esse clamor formidável e longínquo: milhares de almas entoando num extase sagrado o hino da Pátria, as estrofes candentes da *Portuguesa*.

Sonho? Ilusão? Delírio? Não sei...

Mas, na mesma hora em que há vinte anos ressoavam as primeiras descargas, anunciando a tentativa de libertação deste povo, sussurrava aos meus ouvidos, distante, empolgante, glorioso, esse divino côro redentor:

*Heróis do mar, nobre povo,
Nação valente, imortal.*

E do fundo da noite misteriosa, — noite unvida de glória e recamada de estrelas — parecia erguer-se, mais ao longe ainda, outro côro vibrante e luminoso, ardente, evocador, sacratíssimo:

*Levantai hoje de novo
O esplendor de Portugal...*

* * *

Era o povo de Lisboa, o povo de Cinco de Outubro, o povo da escalada de Monsanto, a afirmar a sua fé na República.

Através da cidade heroica, baluarte invencível da Liberdade e da Democracia, o povo de Lisboa marchava até ao alto da Rotunda, a glorificar, uma vez mais, a memória daqueles que regaram com o

seu sangue esse pedaço de terra onde pela primeira vez tremulou, vencedora, a bandeira da República.

*Heróis do mar, nobre povo,
Nação valente, imortal...*

Ao meu refugio, longe da cidade em festa, chegava sempre, cada vez mais claro, cada vez mais vibrante, o himno bendito.

Côro imenso, rumor de apoteose; murmúrio formidável enchendo os ares e perturbando as almas, subia no céu infinito como o eterno clamor de uma Pátria que não quer morrer escravizada.

E eu, embevecido, entusiasmado, o coração embriagado de alegria e de orgulho, recordava:

—Ha vinte anos, neste mesmo instante, erguia o povo de Lisboa o seu grito de redenção...

Vi a Rotunda em fogo. No Tejo o S. Rafael atroando os ares com os primeiros tiros da revolta. A cidade inteira, ansiosa, impaciente aguardando a vitória.

E adormeci tranqüilo, sem uma apreensão, sem um receio, confiante nesse povo heroico e sempre alerta...

Povo que fez a República!
Povo que jamais deixará morrer a República!

—Glória ao povo de Lisboa!

Ribeiro de Carvalho

Da «República» de 8-10-930

Tenente Albano Cruz

Seguiu para Tavira este denodado combatente da República e oficial do Exército, que é assíduo colaborador do nosso jornal. O desejo de boa viagem são os nossos votos.

Alberto T. Carneiro

Da Póvoa de Varzim regressou a esta cidade o nosso devotado correligionário e amigo, Ex.^{mo} sr. Alberto Teixeira Carneiro, industrial da nossa praça. Os nossos cumprimentos.

Tenente Carlos Coelho

Para Tavira seguiu o distinto oficial do Exército e devotado republicano, sr. Tenente Carlos Coelho, desta cidade. Os nossos cumprimentos de despedida.

Dr. Filinto Elísio

Acompanhado de sua Ex.^{ma} Família, regressou da Póvoa de Varzim o nosso querido correligionário e ilustre professor do Liceu, Ex.^{mo} Sr. Dr. Filinto Elísio Vieira da Costa, que em Guimarães gosa de gerais simpatias. As nossas saudações.

Capitão Souza Guerra

Este nosso devotado correligionário e distinto oficial do Exército, seguiu para Tavira na passada 2.^a feira. Os nossos desejos duma boa viagem.

Eduardo Jordão

Também regressou da Póvoa de Varzim este nosso querido amigo, filho do nosso devotado correligionário e importante industrial, Ex.^{mo} Sr. Bernardino Jordão. Um abraço.

O XX.º Aniversário da Proclamação da República

Em Guimarães realizaram-se os números do programa autorizados pelo Administrador do Concelho, ou sejam, o bôdo aos pobres e a abertura solene da Escola Noturna do Centro Republicano. Outras demonstrações festivas

Conforme a autorização do Administrador do Concelho, os festejos do XX.º aniversário do Advento da República resumiram-se ao bôdo aos pobres e á abertura solene da Escola Noturna do Centro Republicano, havendo iniciativas particulares que fizeram também as suas demonstrações festivas, sendo de salientar as do Posto da Guarda Nacional Republicana e a da Comissão da Penha.

De manhã anunciou-se a data com uma salva de morteiros, aruando a Banda dos Bombeiros Voluntários que tocava a *Portuguesa*.

Às 11 horas teve execução o número mais simpático do programa — o bôdo aos pobres —, que foi presidido pelo vice-presidente da Comissão delegada dos republicanos do Concelho de Guimarães, sr. Bernardino Jordão, assistindo os restantes membros e vários republicanos que auxiliaram a distribuição.

Foram contemplados 420 pobres, das freguesias da cidade, recebendo Esc. 2\$50 em dinheiro e uma «brôa» de cerca de 2 quilos e meio.

Ao meio dia e á noite repetiram-se as mesmas demonstrações festivas da manhã.

Às 21,5 horas teve lugar a abertura solene da Escola Noturna do Centro Republicano, que foi muito concorrida.

Presidiu ao acto, o Ex.^{mo} Sr. Antonio Francisco Ferreira de Castro, que, depois de ter lido a acta em que eram louvados os cidadãos Bernardino Jordão, Luís Filipe Coelho e João da Silva, pelo fornecimento de material didático para aquela Escola, e nomeado sócio Benemérito daquele Centro, o cidadão Jerónimo Ferreira Botelho pelo zelo e altos conhecimentos pedagógicos com que dirigiu e ministrou o ensino a cerca de 40 alunos no ano lectivo findo, convidou para o secretariar os

Ex.^{mos} Srs. Dr. Eduardo de Almeida e Professor Jerónimo Ferreira Botelho.

Dada a palavra ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo de Almeida, este falou dos benefícios da Escola Noturna e teceu rasgados elogios ao sr. Professor Botelho.

Disse que a instrução é a base das democracias e que ao professor primário deve a República prestar todo o auxilio para o bom desempenho da sua missão.

E sempre continuando a sua oração dum fino recorte literário, lembrou a data que se comemorava e o alto significado que encerra.

A República, disse, é o sistema político que melhor garantia dá da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade.

Nela cabem todas as aspirações do Homem, ainda as mais elevadas-e, por isso, devemos defendê-la e prestigiá-la.

Falou com saudade dos paladinos da democracia que a morte roubou ao convívio dos republicanos, salientando os serviços prestados pelo grande tribuno Dr. Antonio José de Almeida, pelo formidável orador Alexandre Braga, o maior de todos os oradores e por outros, e tantíssimos são já os que caíram.

Enganam-se, proclamou-se, todos aqueles que julgam que a fé nos destinos da Pátria sob a égide da República é chama que se apaga.

Reaviva-se, bem ao contrário, e aumenta duma maneira incomparável.

E tecendo um hino à República, a sua palavra fluente encanta e tem por vezes o condão de nos arrebatara.

Foi muito aplaudido.

De seguida falou o sr. Jerónimo Ferreira Botelho, que agradeceu o ter sido nomeado sócio Benemérito do Centro Republicano e as palavras amigas do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo de Almeida. Mas, continua, as homenagens que lhe acabam de prestar não o satisfazem. Em seu entender, uma coisa cumpre aos republicanos e exige esse acto como melhor homenagem tributada: é não deixar cair a sua querida Escola Noturna. Foi muito ovacionado, erguendo-se vivas á República e á Pátria.

* * *

Por livre espontaneidade do Ex.^{mo} Sr. Bernardino Jordão, a Praça de D. Afonso Henriques foi muito iluminada, o que veio dar realce ás festas comemorativas.

* * *

Também por livre arbítrio do nosso querido correligionário, Ex.^{mo} Sr. Alberto Teixeira Carneiro, no Jardim Público houve

CARICATURAS MORTAS E VIVAS

IV

Apaga a forja e larga os canivetes,
E vai libar um chilre de marufe...
Atacam-lhe a garganta os alfinetes
Do vá lá mais um côpo, assim, num rufe!...

E após de saciado no vinhático
Vem ao palco da rua um tanto esconso...
Dá um viva ao partido democrático,
Logo a seguir, bem forte, outro ao Afonso!

Alguem diz-lhe do lado, em bom humor:
—Tu és mm intrujão!... 'Stás co'a cáca!
—«lá co'a CACA estou, senhêr deuter!...
Mas elbe que NÃO VIRO ESTA CASACA!...

Junho de 1930.

REDUZIRAM A LUZ, em certa altura,
E é vé-lo de lanterna, extraordinário,
Pelas négras ruélas, á procura
Do decantado BAIRRO OPERÁRIO!...

Mas onde éle é soberbo, um grande bárro,
E' nos discursos mil na via pública!...
—«O que dá a alegria é a santa párra!...
Abaixo a menarquia!... Avé República!...

Meu gaiteiro NARCISO!... Se prometes
Ser fixe, assim azul, fixe encarnado,
Um dia vais parar, co'os canivetes,
Para o alto da Arcela, deportado!...

DELFINO DE VIMARANES

BLASFÊMIA

*Possui-me a tentação de afrontar Deus!
Se a alma apenas pelo amor é grande,
Eu posso bem fazer com que Deus ande
A guiar os seus passos pelos meus!*

*Anjo Lusbel, rasquei todos os véus!
Meu coração de amor na luz se expande...
Já nada existe. Minha Mãe, que abraque
Esta blasfêmia de ir além dos céus!*

*Abraço o mundo, a soluçar de amor!
E, nesse enlévo de ternura e dor,
Beijo as pedras, de rastos, no caminho...*

*E sendo, embora, altivo como o Sol,
Sou, na alma, as cauções de um rouxinol
E a piedade humilíssima de um ninho.*

«Lâmpada de Argila»

AMÉRICO DURÃO

O comício republicano, efectuado em Madrid, foi muito concorrido e decorreu em boa ordem

MADRID, 28. — Realizou-se hoje, na antiga praça de touros, o anunciado comício republicano. Os camarotes estavam engalanados com as bandeiras das associações republicanas de Madrid e a tribuna dos oradores foi instalada sobre o touril, tendo sido colocados nela alto-falantes. Viam-se poucas mulheres, não passando o seu numero de cem. A praça estava cheia, contendo umas quinze mil pessoas.

O primeiro orador foi o sr. Gerardo Abad, que falou em nome da Galiza republicana, justificando os incidentes que se tem produzido naquela região e que são o fruto da ansia de liberdade que sentem os galegos. Terminou, afirmando que, para a Galiza, são chegados os tempos.

A seguir, o sr. Vicente Marco afirmou que os palencianos secundarão a revolução quando os chetes o ordenarem. O sr. Martinez Barrios, em nome dos andaluzes, afirmou que é preciso demonstrar que os republicanos estão aptos a assumir o governo; o sr. Manuel Carcelas, que representava os antigos republicanos federais, defendeu o programa federalista; e o sr. Manuel Azana manifestou-se, energeticamente, contra as tiranias e os despotismos.

Depois destes oradores, subiu á tribuna o «leader» radical-socialista, sr. Marcellino Domingo, que afirmou que a salvação da Espanha está na democracia, competindo a os republicanos encaminhar a revolução. Depois atacou a dinastia bourbonica, procurando demonstrar a incompatibilidade que existe entre ela e as instituições democraticas. «Os democratas cumprirão o

um concerto das 21 às 23 pela Banda da Oficina de S. José, tendo sido muito concorrido.

Toda a gente reparou no facto da Associação Commercial não ter embandeirado, o que sinceramente é para lamentar, uma vez que se tratava dum feriado nacional e demais a mais da gloriosa data do advento da República.

Vê-se bem que ali dentro só cabem a política réles e o interesse mesquinho.

Não pode admitir-se, se não desta maneira—a política réles e o interesse mesquinho, ou deixasse de ser presidente o conhecido monárquico Dr. João Rocha dos Santos.

Nem um dourado de pilula!
Depois, ai que os republicanos nos perseguem e nos deprimem a todos os instantes...
Pobres tolos!

seu dever, instaurando outro regime».

O sr. Alcalá Zamora, antigo ministro, hoje chefe do Partido Republicano Conservador, disse que considerava aquele acto, como o início da reivindicação do poder pelos republicanos. «O poder legítimo é concedido pela opinião do país! exclamou. O verdadeiro poder é criado pelo povo! Os outros poderes são o produto de facções!»

Este orador protestou contra a expulsão do ex-coronel Maciá e pediu aos republicanos que apoiem os monárquicos que queiram vir para a Republica. Declarou reconhecer que a Republica pode tornar-se radical, mas que, ao princípio, deve ser conservadora. Atacou os monárquicos constitucionalistas e afirmou que a primeira Republica pensou em dar um título a Amadeu mas que a segunda não poderá oferecê-lo a quem não tem o direito de aspirar a coisa nenhuma, pela maneira errada como se conduziu. Aconselhou que se mostrasse aos elementos armados que eles não devem utilizar a força para manter o poder pessoal contra a vontade do povo e terminou, dizendo que não se devem fazer disturbios, mas, em vez disso, realizar uma acção decisiva, quando chegar o momento oportuno.

O sr. Alexandre Lerroux, chefe da «Aliança Republicana», recordou que ha sessenta e dois anos foi implantada a primeira Republica criticando a restauração monárquica e citando os seus erros. Apontou os exemplos de todos os países, para concluir que se afundam os países regidos pelo poder pessoal, e se salvam os que se regem por instituições democraticas, e lamentou que, ao terminar a ditadura, se tivesse entregue o poder a um soldado afortunado, para restabelecer a situação anterior ao 13 de Setembro. Terminou dizendo que é impossível a continuação do regime actual, que não ha outros processos políticos, se não o da Alemanha e o da Russia, e que, pessoalmente se retempera com as circunstancias desfavoráveis e com as provocações dos inimigos.

Todos os oradores recomendaram ordem e união, não tendo havido nenhum incidente. Tinham sido adoptadas bastantes precauções, nas vizinhanças da praça, mas não foi precisa a intervenção da força publica.

Durante a manhã, as ruas centrais e os cafés estiveram animados, como nos dias de festa. A impressão geral é de que o comício foi um acto de importância.

Do «Século»

NOTÍCIAS ESCOLARES

Novo ano lectivo iniciado. Saudades do passado? Não: apreensões pelo futuro. O passado foi amargurante: á escola primária faltaram o carinho e a calma: a resolução do problema da instrução popular é tentada a medo, com providências hesitantes e de resultados cada vez mais problemáticos.

Que sucederá no futuro? Queremos acreditar que não virão mais e maiores desilusões. A campanha tem sido leal, correctá e justificada.

Oxalá esta attitude previna novos esquecimentos, pois não se deve crer em que houvesse o propósito de ferir uma classe que tem de desempenhar uma grande missão no seio da sociedade portuguesa, e que briosamente a vem desempenhando através de uma situação e já insustentável, como provam os resultados alcançados no ano lectivo findo.

Abriu o ano lectivo com mais de 700 crianças matriculadas nas escolas officiaes da cidade de Guimarães. Só na Escola Central Masculina estavam no dia 8 matriculados 375 alunos.

Vai-se desfazendo a lenda da «mandria e da incompetência» do professorado primário official.

O senhor director da E. C. Masculina pensa em propor á Ex.^{ma} Inspeção da Região Escolar os desdobramentos necessários, pois que facilita a escrituração, beneficia o ensino, supre a insuficiência do mobiliário e alivia o corpo docente, visto que professores há a quem foram distribuídos quasi 60 alunos.

Reuniu o Conselho Escolar da C. Masculina e procedeu á escolha de livros a adoptar no ano lectivo 930-931, á distribuição dos professores pelas quatro classes e deliberou, por unanimidade, tomar a iniciativa da reorganização da «A Solidária», integrando-a no decreto que regula o funcionamento das «Caixas Escolares» e outras instituições de character associativo, de assistência, e até de previdência dos alunos das escolas publicas.

Os livros escolhidos foram: Leitura da 4.^a classe—Pires de Lima; leitura das 1.^a, 2.^a e 3.^a classes—João Grave. Os outros livros da Série Educação Nacional e Figueirinhas.

São professoras na 1.^a classe: D. Aida, D. Natividade e D. Enequina; são professores na 2.^a classe—P.^o Alfredo e Botelho; na 3.^a Antunes e Montes; e na 4.^a Rodrigues.

Efectua-se na escola nocturna de ensino primário elemental do Centro Republicano de Guimarães a matrícula em todos os dias úteis das 20 ás 21 horas até ao dia 15 do corrente mês.

As condições de admissão são: Ter a idade legal (7 aos 14 anos); Não frequentar qualquer das escolas officiaes da cidade.

A idade prova-se com o boletim do recenseamento escolar ou declaração assinada pelo funcionário do Registo Civil.

O número máximo de alunos a admitir é de 25 e o professor e director é o professor official Jerónimo Ferreira Botelho, que continua a prestar os seus serviços gratuitamente.

Ainda o nosso número especial

Por lapso, não foram distribuídas as 3.^a e 4.^a páginas que deviam ser incluídas no nosso número especial, comemorativo do 5 de Outubro, o que fazemos hoje, pedindo desculpa aos nossos leitores.

SONHO DE VENTURA

ESCOLA COMMERCIAL E INDUSTRIAL

«FRANCISCO DE HOLANDA»

Quando algum *touriste* nos visita e somos forçados a atendê-lo, para que não fiquemos mal aos olhos dos estranhos, acerca da nossa terra pintamos-lhe sempre um quadro encantador, engrandecendo-a duma maneira extraordinária, elevando-a e defendendo-a calorosamente.

Esqueçemos agravos, para só pensarmos a sério na terra.

E, ao dobrarmos a rua de Serpa Pinto, predispomos-lhe o espirito para o fazer visonar uma nova cidade, com suas largas avenidas, o seu esplêndido edificio camarário, dividida em talhões regulares, como é de uso encontrar-se nas cidades modernas.

Mas, ai, pobre sonho de ventura!

Aquilo é obra de Santa Engrácia, morosa, arrastada.

Uns montes de paralelepípedos, covas e mais covas, e aquêle buracão enorme que mais se assemelha a uma güela hiante.

Infeliz terra!
E o inverno a avisinhar-se a passos agigantados...

Estamos a vêr o resultado, o mesmíssimo resultado de há 3 anos a esta parte: covas cheias d'água, lama de palmo, e o impossivel trânsito para quem tenha necessidade de serventia por ali.

Infeliz terra!
E morre o sonho de ventura, aquela risonha esperança que nos aumenta o amor á terra, e o desejo de sentir crescer um progresso a que tínhamos jús...

Que tristeza! e que falta de acção!

Taxa militar

O «Diario do Governo» publicou no dia 25 de Setembro o diploma determinando que não seja applicavel aos indivíduos que tenham ainda em divida alguma taxa militar respeitante a 1928 e anos anteriores, a disposição do § 2.^o do art.^o 53 do regulamento aprovado por decreto de 2 de Dezembro de 1929.

Falecimento

Após doloroso sofrimento faleceu na sua casa á rua Dr. Avelino Germano o republicano de sempre Sr. Joaquim de Sousa Neves, proprietario e industrial de padaria.

A «Velha Guarda» apresenta a sua Ex.^{ma} familia as mais sentidas condoiências.

Assina! «A Velha Guarda»

A ABERTURA SOLENE

No passado dia 6 realizou-se a abertura do novo ano lectivo nesta escola, com uma sessão solene a que assistiram alem do distinto corpo docente, algumas pessoas de destaque no nosso meio.

Presidiu á sessão o Ex.^{mo} Sr. Reitor do Liceu Martins Sarmiento que tambem representava o Ex.^{mo} presidente da Comissão Administrativa da Camara, tendo como secretários os Srs. A. L. de Carvalho, representante da Junta Geral do Distrito e o Sr. Dr. Gilberto Pereira.

Usou da palavra em primeiro logar o illustre Director da Escola Ex.^{mo} Sr. Abel Cardoso.

Depois de saudar os Ex.^{mos} representantes da Camara e Junta Geral do Distrito, imprensa e alunos, refere-se á vida interna da Escola, mostrando claramente as deficiências que ali existem.

Sua Ex.^a pede á Camara e á Junta do Distrito que auxiliem quanto puderem a Escola Francisco Holanda pois bem carece de auxilio.

Mostra que o material didáctico é antiquado e que a falta de maquinismos é grande.

Onde essa falta se faz sentir é por exemplo no ensino de dactilografia.

Os maquinismos para a montagem de Fiação ainda se encontram encaixotados apesar da Junta Geral ter votado a verba de 15 contos para a montagem dessa officina.

E sua Ex.^a diz «O grande e indiscutivel argumento é a falta de dinheiro».

Refere-se tambem á Exposição do Ensino Técnico e lê um officio do Director Geral do mesmo ensino em que tem palavras deveras elogiosas para esta Escola.

Sauda por ultimo os alunos mais distintos e pede ao Ex.^{mo} Presidente para distribuir os prémios.

Em seguida procedeu-se á distribuição dos diplomas e prémios aos alunos que mais se distinguiram no findo ano lectivo, acto que decorreu constantemente sublinhado por salva de palmas.

Em seguida fala o Sr. A. L. de Carvalho que num pequeno mas elegante discurso, promete empregar os esforços para que a Junta vote mais uma verba para a montagem das officinas.

Faz uma saudação aos alunos e incita-os ao estudo.

Por último o Sr. Presidente que diz não vir com tenções de falar, recorda com saudade os tempos de estudante e mostra o quanto está festa o encantou devido a vêr o que ali se trabalha. Felicita o illustre Director e corpo docente, encerrando em seguida a sessão.

No final Sua Ex.^a o Sr. Director da Escola teve a amabilidade de mostrar aos presentes a Exposição dos trabalhos escolares tendo sempre para o representante do nosso jornal amabilidades que muito nos desvaneceram.

A Sua Ex.^a muito gratos apresentamos as nossas felicitações.

Os alunos mais premiados são:

Notas à margem

Lugares selectos

Novidades, a propósito do Congresso Universal (1) da Imprensa Católica, advogou «a necessidade ou pelo menos a conveniência das escolas de jornalismo», querendo apenas dizer, crêmos, das escolas de jornalistas, o que é diferente.

Crêmos porque notam, a seguir: «as escolas, para terem concorrência, supõem carreira aberta para os que delas saem habilitados», como ainda há tempos, ignoramos até se ainda hoje, «habilitado» carecia de ser o vendedor de tabacos. «Mas (filosofam) o jornalismo é uma carreira pobre de lugares e de rendimentos». (Acrescentaremos—nas grandes cidades, porque nas outras, como cá por casa, trabalha-se de graça).

«Ora foi este último aspecto que constituiu assunto de outra tese (excelente propriedade) que logrou interessar os assistentes; a condição material dos jornalistas católicos». E transcreve o voto de M. Massiani, que foi aprovado, o qual voto submetia com insistência a todos as autoridades qualificadas (conhece-se à légua a velada perfídia da linguagem, que a situação (material, é claro) dos jornalistas católicos nunca seja inferior à dos jornalistas não católicos.

O Senhor Conselheiro Fernando de Sousa, aproveitando os ócios dominicais, continua as notas da sua «curta villegiature (coitadinha da nossa pobre língua que não tem para o Ex.^{mo} Director d'A Voz palavra equivalente!) no Minho». E, falando do Bom Jesus do Monte, entende que «essa estancia de repouso a nenhuma teria inveja, se a acção inteligente dos homens (aquele desinteressado que nós todos conhecemos dos bracarenses pela sua Braga) aproveitasse melhor o que a natureza lhes oferece». Sim, porque acha pouco um assensor, o tranvia eléctrico e uma estrada. Para atingir a belêsa incomparável do panorama, impõe-se a construção de um novo ramal de estrada, melhoradas as comunicações do Sameiro e da Falperra e a criação de uma estrada de turismo na cumeada. Isto, não obstante a Confraria, proprietária do Santuário e da Mata, eliminar dos seus estatutos a nota de corporação de piedade, que era e devia continuar sendo, para ficar de beneficência. «Lamentável mutilação por essa renúncia ao caracter religioso da corporação!» Mas o que entenderá, Senhor Conselheiro por piedade, e que ideia forma ou tem de beneficência S. Ex.^{mo}? Sim; a piedade é mais barata e mais cômoda que a beneficência. O' Cristo!

Mas isto vai de tal maneira que já uma das primeiras mentalidades portuguesas do nosso tempo, incontestavelmente impondo-se ao carinhoso respeito de quantos preçam a língua pátria, escreve, num diário portuense, que foi um grande canudo para a Inglaterra ver-se invadida pelas iniludíveis e instantes questões sociais. E crê o mundo às avessas desde que a Quantidade (a de nós todos, os governados) pretenda subordinar e não seja a subordinada da Qualidade.

Conhecemos bem essa menina viciosa e decadente—a Qualidade. Foi essa Qualidade... que nos pôs neste lindo estado!

Lá diz o ditado—o peor cego...

Outros tempos, outros costumes

Reparem com um bocadinho de atenção. Se domina ou orienta a forma da organização política social uma ideia sã de humanidade, logo se reflecte no próprio convi-

O Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica

A recepção em Guimarães — Um notável discurso do Ex.^{mo} Snr. Dr. Eduardo de Almeida — Visita à Citânia de Briteiros — Arraial minhoto no Casal da Ponte — Homenagem a Francisco Martins Sarmiento :: — Um almoço volante — O almoço dos jornalistas — ::

Em verdade revestiu de grande brilhantismo o penúltimo número das festas promovidas aos Congressistas de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, levadas a efeito na cidade de Guimarães.

A Digníssima Direcção da Benemérita Sociedade de Martins Sarmiento não se poupou a esforços para bem receber os sábios que nos honraram com a sua visita, em homenagem ao insigne vimarense que foi Martins Sarmiento, e, desta recepção muito se deve ao ilustre Presidente, Ex.^{mo} Snr. Dr. Eduardo de Almeida, e ao Dr. Ricardo Freitas Ribeiro, a José de Pina, a Alberto Vieira Braga, ao Capitão Mário Cardoso e a Francisco Martins.

Foi um dia memorável, que será lembrado com saudade e emoção, um dia que traduziu não só a gentileza, mas também reconhecimento.

Gentileza da parte da população cittadina que se houve com galhardia e fidalguia; reconhecimento dos Congressistas que tributaram o sentido preito de homenagem ao Mestre que teve renome além-fronteiras.

Dez horas, e já a rua de Paio Galvão e Praça de D. Afonso Henriques se achava coalhada de gente, as casas vistosamente engalanadas com bandeiras e ricas colgaduras.

Onze horas, e assomam os primeiros automóveis, a um tempo que estralejam os foguetes e repicam os sinos. A Banda dos Bombeiros Voluntários executa o Hino da Cidade. Chovém flôres, e o entusiasmo aumenta consideravelmente, enquanto os «auto-cars» despejam os Congressistas que imediatamente se dirigem á Sociedade.

Recebidos no Salão Nobre, assume a presidência o snr. Dr. Eduardo de Almeida, que convida para o secretariar os snrs. Dr. João Antunes Guimarães e o delegado polaco, snr. Frankowski.

O ilustre Presidente da Direcção da Sociedade, lê a seguir,

vio das pessoas e até nos actos somenos e mais íntimos do trato social. O dono da loja trata com certa deferência o empregado, este sente o dever de ser civilizado com o frêguês e o frêguês malcriado sóa falso, perde o tempo, gerigonça no vácuo os seus gestos irritantes e é ainda castigado pela ironia dos outros frequentadores. O chefe da repartição trata os outros funcionários como seus colaboradores; o magistrado interpreta a lei no mais atento respeito pela justiça aos inocentes, pelo amparo aos desprotegidos, deferente e delicado — como essencialmente lhe cumpre — para com todos — réus, testemunhas, público. Exorta o condenado em termos brandos de piedade. Mas se está ua moda o que se convencionou chamar a energia disciplinada, cada um procura elevar sua voz na escala autoritária e começa a cultivar a prepotência. Já o patrão se não esconde de chamar ternamente pelo marçano «sua besta», o chefe burocrático sacode a imperativa campainha e o povo ingénuo vai á justiça a tremer porque lhe ralham e o maltratam, afinal, duramente, bramantemente.

Que profunda tristeza!

num francês correctíssimo, um notável discurso de boas-vindas.

Refere-se a Sarmiento e lembra «que consagrou todas as horas da sua vida, a sua fortuna, a culta e tenaz acuidade da sua inteligência, aos estudos das idades pré-históricas, e, com o ardor dum amante apaixonado, encontrou a felicidade da sua alma lusiada na paixão do investigador».

E continua: «Esse português ilustre foi um trabalhador magnífico. Trabalhou os campos e manuseou os livros; devassou as sombras dos túmulos; profanou o silencio das necrópoles e esforçou-se por compreender e sentir as lendas mitológicas e literárias, animado sempre daquela suavíssima ternura com que costumava escutar as lendas supersticiosas dos nossos aldeões».

E feito o elogio caloroso do Congresso, o snr. Dr. Eduardo de Almeida, rematou: «Na peregrinação do espirito humano, a curiosidade intelectual dos sábios fez surgir «á luz da vida» as cinzas dos heróis bárbaros. As escavações revelaram-nos uma civilização primitiva mas interessante, como manifestação do caracter desses povos, sempre ardorosa pela conquista da liberdade, pelo seu amor á terra—povos que nós consideramos como nossos legítimos antepassados».

Muito aplaudido, os congressistas felicitaram-no efusivamente. Respondeu-lhe, em francês, o snr. Frankowski.

Visita aos Museus

De seguida, realisou-se a visita aos museus da Sociedade, sendo então distribuídas a cada congressista uma monografia da autoria da snr. Capitão Mário Cardoso; uma carta do Dr. Ricardo Freitas Ribeiro comunicando o aparecimento duma pedra monumental, identica á Pedra formosa, disposta em posição vertical; postais da Penha; e um número do último do nosso jornal dedicado ao Congresso.

Junto da Pedra formosa travou-se acalorada discussão entre os Congressistas snrs. Mendes Correia, Cabré Aguiló, conde de Bégane e Siret, de Almeria.

Foram emitidas várias opiniões, sendo a mais aceitavel aquella que classifica a Pedra formosa como tampa dum forno, pelo que veio contrariar as opiniões erróneas que se formularam durante dezenas de anos, á excepção da apresentada por Hübner.

Visita à Citânia de Briteiros

Acabada a visita aos museus, dirigiram-se os Congressistas á Citânia de Briteiros, onde foram recebidos com provas de carinho.

Ao longo da estrada, lavadeiras garridamente vestidas lançavam abadas de flôres enquanto a música das Taipas executava numeros do seu reportório e os foguetes rebentavam estrondosamente.

Principiou a ascenção á Citânia, que muito interessou os arqueólogos, que tiveram palavras de elogio para a colossalissima obra de Martins Sarmiento.

Dentre eles, tivemos o prazer de conversar com o delegado da România que se mostrava encan-

tado com o nosso «crasto», interessando-o saber em que local ficavam Sabroso e a Penha.

O snr. Nicolauescou falou-nos ainda da facilidade com que lia o português, achando-o, como latino, muito semelhante ao dialecto romeno, citando-nos palavras cuja fonologia muito se aproximava da nossa.

Arraial minhoto e almoço volante

Descerrada, no Casal da Ponte, a lápide em que o XV.º Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica rende a sua homenagem a Martins Sarmiento, teve começo o almoço volante, cuja «ementa» foi a seguinte: Vitela, fiambre, mortadela em sandwiches, croquets, pastéis de camarão, língua afiabrada, lagosta ao natural, Perú assado, doces, queijo, frutas, vinho branco de mesa, vinho velho do Porto e chá.

A meio do almoço, enquanto a música compassava os acordes do seu reportório verdadeiramente regional e os balões subiam ao ar, entrou o portal do Casal da Ponte a «festada», que entusiasmou de véras os Congressistas.

Dispararam-se inúmeros clichés, fizeram-se desenhos de impressões, e até se desejaria comprar todo o instrumental dos campônios minhotos.

Ao finalizar o almoço, queimaram-se os bonecos de fogo e ribombaram os «cabeças de gato». Flôres, sorrisos femeninos e...

O almoço dos jornalistas

... como a tarde declinasse, o Ex.^{mo} Snr. Dr. Eduardo de Almeida impôs aos jornalistas a refeição, num acto verdadeiramente gentil e de acção corajosa—pois todos eram unânimes em não desejar encargos para a Sociedade Martins Sarmiento.

Lá aguentamos a... deportação e deu-se fundo no Hotel Vilas, das Taipas, onde nos foi servido um magnífico menu.

Presidiu o digníssimo director do Pro Vimarane que quasi se sujeitava a perder o almoço.

Pelas atenções recebidas e pela lhaneza com que fomos tratados, muito se poderá avaliar da gentileza com que os componentes da Ex.^{ma} Direcção da Sociedade Martins Sarmiento receberam seus hóspedes e jornalistas, tornando Guimarães cheia de encanto. Agradecemos sinceramente as facilidades que proporcionaram a quem tomou o encargo de relatar mais um acontecimento digno de se gravar nos anais da história da nossa terra.

"Humanidade"

Mais um ano sobre a publicação deste esplêndido semanário.

Jornal de propaganda republicana, belamente se tem desempenhado da sua missão e é assiduamente colaborado por espiritos desempoeirados, almas moças que á causa da República teem dado o melhor do seu esforço e da sua vontade. Os nossos desejos de longa vida, são os votos que ardentemente fazemos.

A nossa gravura

E' da autoria do Ex.^{mo} Snr. Capitão Duarte Fraga a gravura que inserimos na 1.^a página.

Bela de concepção, cheia de movimento e de alegoria, marca pelo traço seguro que encerra e distingue perfeitamente o desejo veemente de todo o republicano—morrer pelo seu idial!

E' que na verdade, o Ex.^{mo} Sr. Capitão Duarte Fraga foi felicissimo de ideia e nenhum motivo poderia ter marcado tanto como o desse admirável e humilde caldeireiro que se sacrificou pelo nosso anseio de liberdade.

Parabens merece, pois, o nosso querido amigo, que se revelou um artista cheio de talento e um experimentado conhecedor da sensibilidade popular—a sensibilidade que nos faz obrar prodígios pela causa que defendemos.

Monografia da Citânia e Sabroso

por MÁRIO CARDOSO

Recebemos do Ex.^{mo} Snr. Capitão Mário Cardoso a monografia da Citânia e Sabroso que foi distribuída por ocasião do Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, reservando-nos num dos próximos números fazer a respectiva apreciação.

Esta edição que é da Sociedade Martins Sarmiento, encontra-se muito bem apresentada e foi subsidiada pelo ministério da Instrução Pública.

Serviço de Caldo Verde?

Parece impossível, mas é verdade!

Há coisas que só vendo, se acreditam.

O que admira é que tivesse havido quem, sem consideração nenhuma pela população cittadina, autorisasse a construção daquele barraco, que na próxima semana se levantará ali nas veneráveis bochechas de D. Afonso Henriques!

Só numa terra como a nossa, em que o granito predomina, é que se consentem destas coisas.

¿Para quê? Para quê?

¿Um barraco para a instalação do stand de automoveis!

¿Quem acredita em tal?

Aquilo será apropriado para servir «caldo verde» à meia noite.

O resto são trêtas, o resto são «larachas».

¿Stand?

Ná... Barraco, barraco, barraco.

O Administrador-delegado do Museu Alberto Sampaio

Continua com suas epístolas para as correspondências dos colossos de informação o maior de todos os arqueólogos do Universo, actual Administrador-delegado do Museu Alberto Sampaio, snr. Alfredo Guimarães.

E' verdade, meus senhores: o maior de todos os arqueólogos que bateu as azas quando lhe pesavam no corpo as zargunchadas que nestas columnas lhe demos, volta á liça, de fato virado e nome estropiado, para ver se escapa desta maneira.

Já te matamos, ó mascara!

Muito breve diremos o que vales arqueologicamente, ó formidável debuxador!

Este número foi pisado pela Comissão de Censura

U M S A N T O

por EDUARDO D'ALMEIDA

O Duelo da Artilharia

«O duelo da artilharia foi renhido e demorado. Entretanto ninguem se afastou um passo dos seus postos e entrou no espirito de ninguem o mais leve esmorecimento.

O comandante Machado dos Santos, sempre a cavallo, de espada desembainhada, corria de um lado a outro, vigiando todas as posições e permanecia, de preferencia, no alto onde a artilharia se batia com a de Queluz, expondo-se temerariamente».

* * *

Desânimos surgiram, mas ao retrocesso de muitos, respondeu, de continuo, a temeridade e a audácia de outros, acirrada ainda por propagandas notícias de boa fortuna.

Aos grupos chegava a proclamação da Junta revolucionária, citando, falsamente, os convencimentos de que D. Manuel estava oculto na legação da Inglaterra, e que, de si, o facto significava, com uma abdicação, a vacatura do troço português. Esta notícia, dada como chegada à Junta, às 9 horas dessa noite, era errada, estando ainda D. Manuel II em Mafra, mas os núcleos revoltados veriam nela verídicos dados assinaladores dum começo de vitória.

O povo, procedendo sempre, não deixou de atear a chama revolucionária, e se uns distantes, por suspeitas de encerrar, em conciliábulo secreto, contrários à sua causa, assaltavam a farmácia Pina, do Poço do Bispo e destruíam quanto lá existia; outros, manobrando nos pontos centrais, não deixavam de assediá-los de indecisões, favorecendo a ideia desorganizadora dos officiaes, que faziam aliás, recuar a população à boca das espingardas, quando seu desejo era dela ter o eficaz auxilio.

* * *

Por outros populares, eram mais tarde conduzidos ao hospital Estefania e depois ao de S. José, especialmente os victimados pelo tiroteio, e necessitando de operações melindrosas.

* * *

A Rotunda visando sempre as tropas da Avenida, não as deixavam socegar, abrindo-lhes de quando em quando as fileiras com granadas, ou com as descargas, graças aos holofotes do S. Rafael, irradiando sobre esses regimentos.

Armando Ribeiro

«A Revolução Portuguesa»

Assinaí «A Velha Guarda»

O correio, esse impertinente distribuidor de más novas e epistolares quesilias, foi hoje amável para comigo—trouxe-me um livrinho do Sr. Manuel F. de Lima Barreto, intitulado—Padre Antonio de Oliveira—, separata de um artigo publicado na gazeta «Ecos da Colónia», curioso mensário da Colónia Correccional de Vila Fernando, com algumas notas complementares. E' meritoriamente oportuno avivar com piedosa saudade os traços mais notáveis desta figura singular. O Padre Antonio de Oliveira, filho de uma gente humilde de Lamego, era um simples e bondoso cura de aldeia. A falta de saúde obrigou-o, e muito contrariadamente, a deixar o pastoreio das almas. No Porto, para onde foi viver e tratar-se, uma roda de pessoas inteligentes e gradas, advinhou-lhe as raras e nobilissimas qualidades de espirito e o verdadeiro tesouro de affectos e de bondade, que era o seu coração. Assim foi nomeado Capelão das Monicas. E a sua estranha vocação revelou-se por uma forma singular, verdadeiramente assombrosa e tocantissima. Aquilo não passava de uma cela nefasta de trapos humanos leprozados de imundície—talvez ainda muito ao gosto dos que assemelham a função da justiça no papel do Carrasco. A transformação da casa foi completa e fundamental, e os fantoches de sêca e chocha autoridade, impertigados e conspicuos inuteis, viram com arregalado espanto os mais sólidos efeitos morais do quanto pode a força intelectual do sentimento. Foi-lhe então cometido, já como Sub-Director, o encargo de ela borrar o regulamento depois aprovado por Decreto de

10 de Setembro de 1901. Instala, em 1902, a Casa da Correção do Porto, a que dá bases modelares. Criada, em 1903, uma nova Casa de Correção de Lisboa, para o sexo feminino, vai para as Monicas, passando os rapazes para o antigo e arruinado Convento da Caruxa, em Caxias. O homem de compleição débil realizava prodígios de laboriosa, persistente e salutar actividade. Se o seu grande espirito de visionador era alumiado pelo génio do coração, á fraca matéria corpórea, sempre em ameaças de succumbir, reanimava-a uma poderosa energia—a da vontade, o dever encarado como sacerdocio, este como singelo apostolado do bem. Ali, entre as canseiras exaustivas de adaptação difficil, abre a officina de trabalhos manuaes educativos, com ferramenta vinda da Suécia. Renova o ensino do canto coral, imprimindo-lhe character educativo, moralizador, sendo o Orfeão «justamente considerado um dos melhores do país», e a banda, muito interessante, «cujo instrumental gracioso e leve tinha vindo da Itália», e perfeitamente disciplinada, muito querida do público e aplaudida nas festas da casa. Criou em Portugal o ensino de ginastica sueca, «em classe, a tronco nu, ao ar livre e com qualquer tempo, sendo magníficos os resultados físicos e morais obtidos»; e os Jardins Escolares, o amor e o culto da natureza; a Caixa Económica, «para a formação dos sentimentos de previdência e economia»; o Museu Pedagógico «ao lado de uma pequena biblioteca, aos quaes posteriormente juntou uma máquina cinematográfica». Simultaneamente fomentava e acanhava a ins-

trução—«de que é um indice eloquente e irrefutável a elevada percentagem de distincções alcançadas no exame de instrução primária». A Revolução de 1910 encontrou-o alquebrado. Mas havia um milagre de resistência na sua fé ardente, sublimemente inspirada: «proclamada a República, o Governo Provisório escolheu o rev. Padre Oliveira para várias comissões de serviço, tais como a remodelação do Instituto de Educação e Trabalho, em Odivelas, e do Colégio Militar, e a criação do Instituto dos Papulos do Exército. mas o encargo que mais agradou ao seu espirito foi, sem dúvida, o que recebeu do Ministro da Justiça—Dr. Afonso Costa—para preparar novas leis de protecção á infância deliquente e em perigo moral». O Padre Antonio de Oliveira é o autor dos Decretos de 1 de Janeiro e 27 de Maio de 1911, que tanto nobilitam o seu nome e honram o do Ministro que os subscreeveu e lhe deu realidade jurídica. Desde 1912 que devota a sua actividade á elaboração de livros em que desse forma escrita ás ideias que lhe tinham norteado a vida e apaixonado a alma, mas sempre solicitado carinhosamente para árduas tarefas. A sua acção como Inspector Geral dos Serviços de Protecção a Menores, para que fôra nomeado em 1919, é bem o proseguimento de «uma obra santa, e cheia dos maiores sacrificios, devendo mencionar-se a sua interferência no Decreto de 20 de Setembro, relativo á Colónia Correccional da Izêda e Reformatório de S. Fiel. A morte foi buscá-lo, empenhados os últimos dias em páginas dignas de reflectida leitura, á sua «modesta e desconfortada casa da Costa do Castelo», no dia 9 de Setembro de 1923.

EDUARDO D'ALMEIDA

Continua.

O assalto ao «D. Carlos»

«Quando no dia 4 cheguei a bordo, pelas 9 horas da manhã, soube que o armamento e municamento estava todo fechado e que, algumas praças já tinham tentado insubordinar-se, mas que alguns officiaes, aparecendo nessa ocasião, o convenceram a não se manifestarem, aconselhando-lhes a que se conservassem numa attitude neutral, que era a melhor de todas as situações. Officiaes havia que, sem estarem ao serviço, faziam frequentes passeios á prôa afim de as aconselhar a manterem uma attitude neutral. O comandante e immediato exerciam também uma vigilancia constante. Uma grande parte da guarnição estava de licença em terra e os elementos entendidos com os revolucionários, que estavam a bordo, soube serem, já depois de tomado o Dom Carlos, os 1.ºs sargentos Manuel Faslio, João Duarte Gilberto e cabo torpedeiro n.º 1633 Joaquim Campos.

Às 10 horas da manhã, pouco mais ou menos, constou a bordo que o primeiro artilheiro n.º 3487, Benjamim de Magalhães, se tinha atirado ao rio, sendo apanhado por uma embarcação do Cruzador Adamastor. Às 8 horas da noite, aproximadamente, soube-se a bordo que algumas praças, servindo-se do 1.º escaler, tinham fugido de bordo, indo para o cruzador Adamastor.

... Nesta altura o serviço passou a ser feito por dois officiaes um a vante e outro á ré.

Pelas 10 horas da noite sei que um vapor da Alfandega se dirigia para estibordo do navio, mas não conseguindo atracar por mau governo, afastou-se, manobrando a fazer nova atracação. Vi logo do que se tratava e meti-me no camarote, para escapar á furia do primeiro embate. Estava já no camarote quando o comandante disse ao vapor que se afastasse e um official pediu ao comandante que fizesse fogo com a peça. De bordo, segundo me informaram, atiraram sobre o vapor dois officiaes. A esta provocação responderam os do vapor, que logo saltaram para o navio, fazendo na tolda, sobre os compartimentos da ré, uma grande fusilaria.

Acabado o tiroteio, abri a porta do camarote e encontrei-me com os populares e o tenente José Carlos da Maia, que me encarregou de procurar os officiaes entregando-me depois o comando do D. Carlos.

... Às 10 horas e meia da noite içou-se a bandeira da revolução a bordo do D. Carlos, sendo saudada com uma salva de 21 tiros».

(Do relatório de José Joaquim da Silva Araujo, 2.º tenente)

A liberdade é para o espirito o que a função é para o orgão. Sem ela, atrofia-se, desfinha e deperece. A reacção reprime-a. Não nega expressamente as liberdades individuais, reconhece-as, mas desqualifica-as, estigmatiza-as, amaldiçoa-as, tratando-as como se fossem males inatos, que é necessário ter sempre em suspeição, sob rigorosa vigilancia, para os conjurar e combater. E' a doutrina do pecado original. Toda a reacção é fundamentalmente teocratica. E, por isso, a República, para ser fiel ao programa da sua proclamação, tem de ser intransigentemente anti-clerical. Tal a nossa maior obrigação civica neste momento.

Bayonne, 2 de Outubro de 1930.

BERNARDINO MACHADO.

O XX.º Aniversário da Proclamação da República

PROGRAMA

Às 10 horas:—Uma salva de morteiros de 21 tiros.

Às 11 horas:—Bando a 400 pobres no Centro Republicano de Guimarães.

Às 16 1/2 horas:—Romagem ao Cemitério, onde serão depositas flores nas campas dos liberaes mortos pelo seu sacrificio.

Às 21 horas:—Abertura solene da Escola Noturna do Centro Republicano, onde serão proferidas duas palavras pelo illustre escritor e talentoso advogado, Ex.º Sr. Dr. Eduardo de Almeida.

A' imprensa republicana

No XX.º anniversário do advento da República saudamos todos os colegas que pugnam pelos são principios da democracia, fazendo ardentes votos pelas suas prosperidades e incitando-os a não esmorecerem na luta sem tréguas contra a reacção.

A hora é de esforço, de trabalho insano, devendo nós todos, por isso, assoberbar-nos deste único pensamento, alicerçado nesta única vontade: a defesa calorosa da República e exigir o cumprimento integral da Constituição em que ella assenta.

Pelo meu dia e á noite, uma banda de musica percorrerá as ruas da cidade e será queimado vário fogo.

5-10-910

O 5 de Outubro é uma data que marca a nossa maioridade.

Portugal que, por vezes, tentara atingi-la, só nesse dia conseguiu a sua emancipação, vivendo livremente e livremente marcando as suas acções.

O povo, farto de vilezas e de despotismos, quebrou as algemas que o escravizavam e gritou ao mundo o seu predomínio, o ruir da tutela que oprimia a sua Pátria.

Generoso e bom, glorificou-se e ergueu Portugal no conceito de nação civilizada.

Bendita data!
Glória aos combatentes do 5 de Outubro!

C.

Assinaí «A Velha Guarda»

CONTRA O JOGO

Lembra-te do pão que roubas ao teu filho, quando pedes dinheiro ao jogo.

Duas grandes razões para que nunca te dês ao jogo:

- Se perdes, prejudicas-te;
- Se ganhas, prejudicas o teu próximo.

O homem que é banqueiro no jogo não trabalha, no entanto, tem vida farta e regalada. É um parasita que vive da desgraça alheia.

Se prezas a tua moral, não jorges, pois na maioria das hipóteses — a de ganhar — estás recebendo dinheiro maldito.

Não é homem aquêle que não tem domínio sobre si mesmo e não pôde, por isso, deixar de jogar. O jogador desonra o lar e perde a família, porque não é digno do amor de mãe, não merece a dedicação da esposa e não está à altura do respeito dos filhos.

A banca de jogo produz o desequilíbrio nervoso, destrói o homem e afira-o à sargeta da miséria moral e de penúria material.

(Do «Primeiro de Janeiro»)

Prof. Jerónimo Ferreira Botelho

Acompanhado de seus filhos, regressou de Vilas Boas, Vidago, o nosso presado colaborador e dedicado correligionário, Ex.^{mo} Sr. Professor Jerónimo Ferreira Botelho, digníssimo director da Escola Noturna do Centro Republicano de Guimarães.

As nossas saudações efusivas.

Dr. José de Freitas Sampaio e Alberto Maria Leite

Os nossos estimados correligionários, Ex.^{mos} Srs. Dr. José de Freitas Sampaio e Alberto Maria Leite, da quinta de Requião, deram-nos o prazer da sua visita na semana finda.

Os nossos sinceros cumprimentos.

Delfim Guimarães

Este nosso presado colaborador e talentoso poeta, a quem sempre desejamos ver a miúdo por esta sua casa, esteve entre nós no passado domingo, pelo que lhe não dispensamos o fraternal abraço a quem sempre tem direito.

Galinhas, Coelhos e Pombos

Dirigida pelo Engenheiro Agrícola J. E. Carvalho de Almeida, acaba de ser iniciada em Lisboa, na rua Alves Correia, n.º 10, a publicação de uma revista mensal, primorosamente ilustrada, de avicultura, a primeira no género que se publica em Portugal.

Recomendamos a todos os nossos leitores, que se interessem pela criação de galinhas, coelhos e pombos, esta preciosa, bem elaborada e utilíssima publicação.

Agradecemos á Ex.^{ma} Direcção desta revista o convite de permuta que com m.^{to} gosto aceitamos.

Prémio de 300\$00 — da Junta Geral do Distrito — ao aluno Abel Vasconcelos Cardoso.

Prémio de 300\$00 — da Camara — Gil-Vicente — ao aluno Claudino Teixeira.

Prémio de 300\$00 — da Camara — ao aluno Sampaio Leite Bastos.

O mesmo prémio ao aluno Joaquim Teixeira e José Ribeiro Machado.

A vários alunos foi-lhes conferido Menções Honrosas.

A CAÇA

Com este título escreveu o Sr. Gaspar Pimenta um artigo no n.º 292 d'«A Velha Guarda» acerca da eleição dos corpos gerentes da Comissão Venatória do concelho.

E' bastante arrojado, Sr. Pimenta, o vir dizer publicamente, num jornal, coisas infundadas e mentirosas.

Não se admite que, por uma simples dor de cotovelo, tanto derrame.

O Sr. Gaspar Pimenta, chama transgressores da Lei da caça, a todos os caçadores que patrocinavam a chapa da opposição. A liberdade de que abusivamente se apossou para isso afirmar, é violenta, e ofensiva, e com estes casos, Sr. Pimenta, não se brinca, é preciso mais ponderação e cautela.

O Sr. Pimenta, diz, mais, que membros da nova Comissão Venatória transgrediram, no primeiro dia de caça, a lei da mesma numa caçada feita na Serra da Penha.

Como pôde o Sr. Pimenta provar o que diz, se falta inteiramente á verdade, e isto mesmo, corrobora, gente lá da sua grei?

Com franqueza, Sr. Pimenta, não se meta na imprensa a dizer coisas a torto e a direito, pois sabe que essas produções são para muita gente ler, e isto é caso sério e grave. O Sr. sabe, que uma caçada pôde ser combinada entre muitos caçadores, e, quando, no monte, dividem-se em grupos, caçando uns, aos coelhos, outros, ás perdizes, etc.

Alem disso, Sr. Pimenta; a nova Comissão Venatória não é composta da gente que o Sr. pretende classificar, é gente boa, gente de integro character e incapaz de abuzar ou prejudicar o interesse de alguém, assim como incapaz de aplicar qualquer verba de dinheiro de que são administradores, senão em proveito de todos os caçadores concelhios.

Não estou defendendo a nova Comissão, digo apenas a verdade, e o decorrer do tempo o comprovará.

— Não é esta, pois, a gente das barbas, que o Sr. procura atingir.

E tenho dito.

Urgezes, — 1930

J. T.

Assina! «A Velha Guarda»

Alvitre Engajadores

Dissemos já que a resposta do snr. Chefe da Estação Telégrafo-Postal nos não satisfazia, e, hoje, de novo, voltamos ao assunto das portas fechadas no edificio dos Correios e Telégrafos.

E voltamos, porque nos permitimos alvitrar o que de certo não lembra, e que é de grande conveniência para a boa ordem daquêles serviços, visto que noutras terras se teem tomado idénticas providências.

Dissemos, e a razão nos sobejava, que a resposta do Ex.^{mo} Sr. Julião Carneiro não satisfizes plenamente.

E dissemo-lo, uma vez que para tudo há remédio, e remédio radical.

Aí vai o alvitre: ¿por que razão se não requisitou ainda da Autoridade Administrativa um guarda cívico para o serviço do edificio dos Correios?

Há sempre gente mal educada, e quantas vezes se usa e abusa da desconsideração para com o funcionário daquêle estabelecimento, e demais se se trata duma senhora — que devêras se vê em sérios embaraços para satisfazer as exigências do público?

¿Por acaso, não sabemos nós que se evocam qualidades inerentes a altos cargos para impôr uma maior atenção?

Uma vez que um guarda por ali permanecesse, vigiava tudo isto e facilmente apanharia na rede o atrevido e petulante que pretende transformar um edificio público em W. C.

E' tentar, senhor! E' tentar, e nada terá que nos agradecer o alvitre.

Propagai «A Velha Guarda»

Block-Notes

Da Póvoa de Varzim, onde estiveram em vilegiatura, regressaram a Guimarães os nossos presados amigos e correligionários, Ex.^{mos} Srs. Manuel Ferreira Guimarães e Casimiro Gonçalves Ribeiro,

— Em Lisboa, a tratar de assuntos comerciais, tem estado o velho republicano e importante capitalista desta cidade, Ex.^{mo} Sr. José Jacinto Júnior.

— Na quinta de sua Ex.^{ma} Mãe, em S. Claudio do Barco, encontra-se há dias o professor adido da Escola Industrial, Ex.^{mo} Sr. Amadeu José de Almeida, desta cidade.

— Afim de assistir á abertura solene da Escola Industrial e Commercial «Francisco Holanda» esteve entre nós o velho republicano e dedicado correligionário, Ex.^{mo} Sr. Abel de Vasconcelos Cardoso, lidima glória vimaranense e pessoa devêras estimada no nosso meio, pelo que tivemos o prazer de o abraçar.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Do nosso presado colega Pro Vimaranense, com a devida vénia transcrevemos o éco publicado na sua primeira página, que, por o julgarmos flagrante, merece que seja inserto nas colunas do nosso jornal.

Foram presos, em diversas terras do norte, nada menos de duzentos e tanto indivíduos que se dedicavam ao engajamento.

O português emigra com uma facilidade espantosa. Sai do seu cantinho, atravessa o Atlântico (geralmente vai para o Brazil) sem garantia alguma de que nas distantes paragens a que se destina poderá viver com o suor do seu rosto.

Emigrar é, a mor parte das vezes, uma aventura fácil, que não raro se transforma em horrível tragédia. Pois até hoje de nada têm valido os sucessivos gritos de alarme dos nossos irmãos de além-mar. A onda continua rolando incessantemente. Desmembram-se famílias, despoçam-se as terras. Ficam os lares na miséria, ficam os campos sem os braços robustos que manejam a enxada. A quimera do ouro desgraça por ano centenas e centenas de portugueses. As medidas coercivas promulgadas pelo Estado ainda não tiveram a virtude de diminuir o mal.

Isto pelo que respeita à emigração consentida, à emigração legal.

E a clandestina? Quantas vítimas produz? Quantas tragédias tem provocado?

Para nós temos que é bem miserável todo aquele que ao tórpe negócio se dedica. E' preciso não se ter coração, não se ter mesmo sensibilidade, ser-se inteiramente desprovido de consciência, de escrúpulos, para arrastar pessoas para a miséria e para a morte, empregando como isca a mentira, a falsidade, a burla.

Merecem castigo exemplar os engajadores agora a ferros. Castigo exemplar que seja freio para os que ficaram á solta!...

Lêde e propagai

«A Velha Guarda»

Não demorem a sua inscrição de sócios na

A. S. M.

«A PREVIDENTE»
Para ambos os sexos dos 21 aos 55 anos

Presidencias dos corpos administrativos:

Assemb. Geral — Dr. José Figueira d'Andrade, advogado
Cons. Fiscal — Dr. Guilherme Machado Braga, médico
Direcção — José Pinheiro, corretor oficial de vinhos.

Subsidios de sobrevivência aos herdeiros dos inscritos, ou a qualquer pessoa a quem o socio leque o referido subsidio, na razão de 10 contos por cada mil socios existentes á data do pagamento.

A mais perfeita organização de sobrevivência

Peçam esclarecimentos ou propostas que serão ferne-cidos na volta do correio

SÉDE — Rua Passos Manuel, — PORTO
TELEFONE 4.750

Acceptam-se socios correspondentes nas localidades onde ainda não existam.

Para informações em Guimarães:

O sócio correspondente — Alberto Gomes Alves
Rua da República, n.º 85.

Noticias Escolares

A' ÚLTIMA HORA

A's Inspeções de Região Escolar foi enviada uma nota suspendendo a autorização de desdobramentos até que o Decreto que os criou seja regulamentado.

E' assim mesmo: agüente-se quem puder.

O suor dos pés

Fétido e nauseante, tomefacções e mortificação do calçado, cura-se com 2 ou 3 aplicações de

«TOPI-ZINA»

Usado e aconselhado por muitos médicos, é o único producto de resultados notáveis

e SEM INCONVENIENTES PARA O ORGANISMO.

Vende-se a 12\$00 em todas as farmácias

DEPÓSITOS:

Lisbôa — Pestana, Branco & Fernandes, Limitada, Rua dos Sapateiros, 39 - 1.º.

Porto — Drogaria Moura, Limitada, Largo de S. Domingos.

Coimbra — Centro Commercial de Drogas, Limitada, Praça do Comércio, 27.

Envia, sem mais despeza, para qualquer parte;

CORREIA DE MELO

Praça Municipal, 11 — Braga

Cão Coelho

Perdeu-se no logar de Souto Novo e Abação um cão de coelho de cor amarela, calçado de branco, gravata branca e focinho branco, pêlo comprido, tem um ano de idade e dá pelo nome de «Pandi-lha». A todo o tempo se procederá contra quem o reliver,

Dão-se alviçaras a quem o entregar na redacção deste jornal.

Bernardino Jordão, F.^{os} & C.^a

Representantes

da Sociedade Comercial Philips Portuguesa

Rádio :: Iluminação

Stock dos afamados óleos «EAGLOIL»

da casa H. Vaultier & C.^a

Agentes da mais antiga das Geleiras electricas
para uso doméstico «KELVINATOR»

Fábrica Manual de Calçado

Jordão & Castro, L.^{da}

Fornecedores

das melhores casas do país.

Banco do Minho

(Fundado em 1884)

Capital: 8.000.000\$00

Fundos de reserva: 7.814.848\$07

SÉDE EM BRAGA

Filiais em Lisboa e Porto.

Agencia em Guimarães

CORRESPONDENCIAS

em todas as principais terras de Portugal e em todos
os paizes da Europa e da América

Faz todas as operações bancarias

Encarrega-se da administração de bens,

liquidação de heranças, etc.

em qualquer parte do Brazil, ás taxas mais favoráveis
para os seus Ex.^{mos} Clientes